

# *KAIROS: Memórias de um “Postulante”*

KAIROS: Memoirs of a postulant

Péterson da Rosa Costa<sup>1</sup>  
Silvia Adriana da Silva Soares<sup>2</sup>  
Andrio Foppa<sup>3</sup>

**RESUMO:** Na era do instantâneo, do descartável, do fragmentado, do virtual, alguns grupos sociais desencadeiam questionamentos e reflexões acerca de seus estilos de vida e postura. Nesta investigação, lançamos o nosso olhar para a vida religiosa, mais especificamente para a formação de jovens que aspiram à vida religiosa. Entendida, na grande maioria, como fechada em suas tradições e ritos, mostra-se como uma experiência fundante na construção identitária de alguns jovens das mais diversas etnias e contextos sociais. Na tentativa de compreender a rica experiência dentro de uma casa de formação religiosa, utilizamos o diário de um jovem postulante como fonte de pesquisa. Ancorados no texto de Michel Pollak, acerca da memória e da identidade social, a partir das histórias de vida, realizou-se uma releitura do diário de um jovem postulante de uma ordem de padres religiosos. As memórias do

Im Zeitalter der Instant-, Einweg-, die fragmentiert, die virtuelle Auslöser einiger sozialer Gruppen Fragen und Reflexionen über ihre Lebensstile und Einstellungen. In dieser Untersuchung haben wir unsere Aufmerksamkeit auf das religiöse Leben, insbesondere die Bildung junger Menschen anstreben, das religiöse Leben. Verstanden, in den meisten Fällen geschlossen und in ihren Traditionen und Riten, erscheint als eine grundlegende Erfahrung in der Identitätskonstruktion von Jugendlichen aus verschiedenen ethnischen und sozialen Hintergründen. In einem Versuch, die Fülle von Erfahrungen in einem Haus der Bildung zu verstehen, haben wir das Tagebuch eines jungen Postulanten als Forschungs-Ressource. Verankert in den Text von Michel Pollak, über Erinnerung und soziale Identität, aus den Geschichten des Lebens, es war eine Re-Lektüre des Tagebuchs eines jungen Postulanten in einen religiösen Orden von Priestern.

---

<sup>1</sup> Graduado em Filosofia - UNILASALLE; Especialista em Gestão e Planejamento Escolar - UNILASALLE; Mestre em Educação – UNILASALLE. [peteron@unilasalle.edu.br](mailto:peteron@unilasalle.edu.br)

<sup>2</sup> Graduada em Pedagogia – UNILASALLE. [silvia@unilasalle.edu.br](mailto:silvia@unilasalle.edu.br)

<sup>3</sup> Bacharel em Comunicação Social – ULBRA; bolsista de Iniciação Científica – UNILASALLE. [andrio.foppa@gmail.com](mailto:andrio.foppa@gmail.com)

postulante, tidas comumente como um fenômeno individual, íntimo da pessoa, revelam, na verdade, um fenômeno coletivo e social construído a partir da experiência coletiva, já que é constituída por diferentes pessoas, personagens e lugares.

**PALAVRAS-CHAVE:** Memória; Identidade; Diário; Vida religiosa; Representação Social.

Erinnerungen an die Antragsteller, in der Regel als individuelles Phänomen genommen, den inneren Menschen, in der Tat offenbaren eine kollektive und gesellschaftliche Phänomen der kollektiven Erfahrung gebaut, wie es von verschiedenen Personen, Charakteren und Orten besteht.

**SCHLÜSSELWÖRTER:** Gedächtnis, Identität, Täglicher, religiöse Leben, Social Vertretung.

## Introdução

*Sempre evitei falar de mim,  
Falar-me. Quis falar de coisas.  
Mas na seleção dessas coisas  
Não haverá um falar de mim?  
J.C.M.N.*

São raras as pesquisas na área da educação sobre a formação educacional do clero propiciada pela Igreja Católica através dos seus seminários e casas de formação disseminadas por todo o Brasil. Benelli afirma que pouco “se sabe, no meio acadêmico, a respeito dessa realidade”, o autor sugere que uma forma de superar esse problema é construir “uma produção científica que ofereça um maior conhecimento da subjetividade que se produz e se desenvolve nesse ambiente social e institucional específico” (2006, p. 148). Este artigo tem o objetivo de contribuir para essa produção, através da análise de um diário escrito por um postulante ao sacerdócio.

Pode-se atribuir à curiosidade o surgimento de *Kairos: memórias de postulante*, que, como inúmeras pesquisas e reflexões, nascem a partir de uma simples conversa entre amigos, sem grandes intenções, mas que aos poucos vai constituindo-se como indagação, como estranhamento, como objeto de pesquisa. Em uma tarde ensolarada do sul do país, três amigos de diferentes áreas do conhecimento conversam sobre assuntos diversos até que em um determinado momento a temática da vida religiosa vem à tona. Em um diálogo fervoroso, começam a levantar as primeiras indagações que posteriormente se constituiria na reflexão que apresentaremos a seguir: como se dá a formação de jovens que aspiram à “vida religiosa”. Entendida, no senso comum, como fechada em suas tradições e ritos, no entanto, mostra-se como uma experiência fundante na construção identitária de alguns jovens das mais diversas etnias e contextos sociais. Na tentativa de compreender a rica experiência dentro de uma casa de formação na constituição de sua identidade individual e coletiva, utilizamos o diário de um jovem postulante como fonte de pesquisa.

O diário chegou ao grupo através de um amigo pessoal que já integrou, no passado, uma congregação religiosa. Nosso amigo, que passará a ser nomeado como “postulante”, concedeu-nos não apenas seus diários escritos ao longo de cinco anos nos quais relata suas experiências de oração, de convivência entre os fraternos e as práticas disciplinares internas da comunidade a qual pertencia, como também relatou suas motivações para o ingresso na vida religiosa e sua satisfação em ter tido tal formação.

Todos os diários foram lidos pelos pesquisadores, que optaram em concentrar-se em apenas um, elegendo, então, o diário referente ao ano de 1998, que, segundo o calendário romano, foi o ano do Espírito Santo, em preparação para a grande festa da virada do milênio.

O “diário espiritual” é uma ferramenta comumente utilizada por priores e formadores para descrever, relatar e “garantir” o registro das experiências de vida e de oração dos jovens aspirantes. A nosso pedido, o jovem cedeu os seus diários para fazermos uma análise sobre esta que se designa como “vida religiosa”.

O diário, enquanto fonte de pesquisa, é também um recurso utilizado por pesquisadores de Pedagogia, Letras e Antropologia e que, segundo Márcio Couto, ainda é pouco utilizado pela história tradicional “em parte, por conta da dificuldade em lidar com um tipo de fonte tão específica, que, pelo fato de ser escrita de forma espontânea, na esfera da intimidade e em primeira pessoa, possui um “efeito-verdade” que a muitos assusta”.

E daí resulta uma das grandes vantagens do diário como fonte de pesquisa, a possibilidade de situarmos as pessoas numa esfera mais “humana”. No caso de Getúlio Vargas, que também escreveu diários, mostrar que, por trás da imagem de homem forte, dominador, havia um ser humano que também tinha receios, inseguranças, que traía a mulher às escondidas... No caso de pessoas comuns, de mostrar o que parece óbvio, mas, às vezes, é esquecido: que pessoas comuns também têm história e histórias, muitas vezes, cheias de heroísmo, acomodação, capacidade de superação, diálogo tenso com seu mundo, assim como as histórias dos “grandes”. Há muito mais a aprender do que a temer com a utilização de diários nas Ciências Humanas. (COUTO, 2010, s.p.)

## **Entendendo a vida religiosa:**

Antes de continuarmos nossa viagem pelo mundo antes secreto e agora público, de nosso postulante, faz-se necessário desenhar a estrutura canônica da vida religiosa.

O clero na Igreja Católica Apostólica Romana é constituído por padres diocesanos e padres religiosos, os primeiros estão diretamente subordinados aos bispos e arcebispos das dioceses e arquidioceses; os segundos vivem em comunidade, possuem uma constituição (lei) própria aprovada pelo Vaticano, e respondem enquanto religiosos a um superior geral, obviamente que, enquanto instituição, devem respeitar a hierarquia canônica. Podemos dizer que, na prática, a diferença entre essas duas formas de constituição do clero está na vida em comunidade dos

religiosos, uma vez que sempre que possível viverão em comunidade e com base nos votos religiosos (pobreza, castidade e obediência), já que os diocesanos não fazem votos e têm apenas o celibato como práxis a ser observada durante toda a vida sacerdotal.

Cada ordem, também chamada de congregação, possui suas regras e etapas a serem cumpridas na formação de seus religiosos. De um modo geral, a formação está dividida em três etapas: aspirantado, postulante, e noviciado.

Aspirantado: etapa inicial de discernimento vocacional, na qual os candidatos são acompanhados sistematicamente em vista de um crescimento pessoal e comunitário, em geral, ocorre concomitante ao ensino médio.

Postulante: tem como objetivo aprofundar o discernimento vocacional, através de uma vivência mais profunda na comunidade, inserindo-se gradativamente no carisma da ordem para que os candidatos possam fazer uma opção livre e consciente pelo noviciado e, conseqüentemente, pela vida religiosa. O tempo de permanência no postulante, bem como sua estrutura são definidos pela Constituição da ordem. No caso da ordem pesquisada, o postulante era composto por um ano sabático<sup>4</sup> (sem atividades de estudo) e um ou dois anos (conforme parecer do conselho) de estudos filosóficos.

Noviciado: é a etapa de ingresso na vida religiosa propriamente dita, pois ao ser aceito no noviciado, o jovem passa a viver o carisma da ordem e os valores da vida consagrada. Ao final dessa etapa, o jovem professa os primeiros votos (pobreza, castidade e obediência) que serão renovados anualmente até a profissão dos votos permanentes. Por determinação do Direito Canônico, o noviciado deve ter, no mínimo, um ano sabático.

## Escrevendo-se, constituindo-se, tornando-se parte...

Dizem que finjo ou minto.  
Tudo que escrevo. Não.  
Eu simplesmente sinto  
Com a imaginação [...]  
Por isso escrevo em meio  
Do que não está ao pé,  
Livre do meu enleio,  
Sério do que não é.  
Sentir? Sinta quem lê!  
(*Fernando Pessoa, 1933*)

<sup>4</sup> O ano sabático tem origem no costume judeu: “Seis anos semearás tua terra, e recolherás os seus frutos; mas no sétimo ano a deixarás repousar, para que os pobres do teu povo possam comer, e do que estes deixarem comam os animais do campo. Assim farás com a tua vinha e com o teu olival” (Ex 23,10-11). Na vida religiosa, é um ano dedicado à reflexão profunda sobre a vocação e a vivência do carisma da congregação.

A escrita de si precede à própria escrita. Tal afirmação pode, num primeiro momento, parecer contraditória, mas ao considerarmos a escrita enquanto símbolos estruturados que seguem determinadas regras para expressar um fato, um sentimento, um pensamento ou um simples objeto de trabalho, é possível tomar a escrita de si como verídica e legítima. Partindo desse argumento, é possível inferir que a escrita de si tem início na pré-história, quando os homens e as mulheres pintavam nas cavernas em que habitavam o seu dia-a-dia, a sua dificuldade de encontrar comida, as suas batalhas contra os predadores, os seus ritos litúrgicos, estavam iniciando o que séculos mais tarde se tornaria algo tão comum que é a escrita de si. Hoje, já não mais nas paredes de cavernas, ou em cadernos secretos com capas de couro e adornos de metal, já não mais tão secreta, pois com o advento da internet os diários pessoais migraram para a rede mundial.

É bem verdade que não é possível afirmar que os motivos que levaram os pré-históricos a desenhar nas cavernas o seu cotidiano são os mesmos do homem moderno.

O processo de escrita de si, em forma de diários, tem seu início, segundo Schittine (2004), no final na Idade Média e no início da Idade Moderna. O fim do medievo, de seus modelos, de suas crenças, e a abertura do ocidente ao restante do mundo, a outras culturas, outros valores, outra moral, desencadearam um sentimento de desamparo no homem que buscou construir, no seu íntimo, as referências necessárias, “quando há uma desagregação das velhas tradições e uma proliferação de novas alternativas, cada homem se vê obrigado a recorrer com maior constância ao seu ‘foro íntimo’” (FIGUEIREDO; SANTI, 1997, p. 20).

Para Matos (2007), o sentimento de desamparo gerado pela modernidade ao questionar as explicações de sua existência, a partir do divino, provocou no homem uma necessidade de autoconhecimento. Encontrando na escrita a possibilidade de enxergar o seu interior, uma vez que ela funciona como um espelho refletindo os anseios, os desejos, as ousadias e por que não dizer as loucuras da alma humana.

Motivados por diferentes sentimentos, muitos religiosos, diversos santos venerados pela Igreja Católica, relataram suas experiências de vida, de oração, de desolação, de testemunho em diários íntimos que posteriormente tornaram-se públicos e, na medida do possível, leitura obrigatória para os aspirantes à vida consagrada.

Segundo o jovem postulante, escrever é a única maneira de expressar seus sentimentos, seus medos, suas angústias, pois não há como confiar em seus colegas para contar seus segredos. Segredos estes, muitas vezes, escritos em forma de códigos, “porque só eu posso saber a verdade”.

Se por um lado, o diário permite externar sentimentos diversos, por outro serve como medida controladora e moralizante quando formadores e priores incentivam sua prática com o intuito de garantir uma experiência sublime de oração, o que para Foucault funciona como um “elemento que permite justificar e mascarar uma prática” (2009, p. 244).

Senhor dá-me tua graça, tudo o que faço, soffro, te ofereço.  
 Viver hoje intensamente, pois hoje tem graça, ontem não tem mais, amanhã  
 ainda não veio. O que Deus quer??? Para saber devo saber quem sou, mas em  
 mim existe duas pessoas (EU e o EU máscara). Às vezes me pergunto se sou  
 eu mesmo que escrevo... Não sei responder. (12 de março de 1998)

O controle é tão sucinto, mas ao mesmo tempo tão eficaz que não permite, muitas vezes, saber se o relato é real ou idealizado. É o que Foucault descreve em *Vigiar e Punir* como a “arte de talhar pedras”, traduzido como a racionalização utilitária do detalhe, muito utilizada pela educação cristã, não apenas nos conventos como também nas escolas e orfanatos no século XVIII.

Uma observação minuciosa do detalhe, e ao mesmo tempo um enfoque político dessas pequenas coisas, para controle e utilização dos homens, sobem através da Era Clássica, levando consigo todo um conjunto de técnicas, todo um corpo de processos e de saber, de descrições, de receitas e dados (FOUCAULT, 2009, p. 136).

Ainda que o próprio autor não tenha certeza de quem escreve suas memórias, seus registros refletem os mecanismos utilizados para garantir a constituição da identidade do religioso ideal e prudente. A exemplo está o registro da rotina diária:

6:00 Despertar;  
 6:30 Capela – meditação;  
 7:00 Capela – oração comunitária;  
 7:30 Café;  
 8:00 Formação na ordem que aspira;  
 10:00 Estudos Individuais;  
 11:45 Capela – Hora do Ángelus;  
 12:00 Almoço;  
 14:00 Trabalho comunitário;  
 16:00 Banho;  
 17:00 Estudos individuais;  
 18:00 Celebração Eucarística;  
 19:00 Janta;  
 20:00 Integração;  
 21:00 Oração da noite;  
 22:00 Recolhimento; (05 de março de 1998).

Cada momento do dia é pensado para garantir que todos os integrantes da comunidade estejam em sintonia; o que acontecia na casa de determinada ordem, em uma cidade do interior do Rio Grande do Sul, deveria estar acontecendo na casa da mesma ordem em Porto Alegre, na Bahia, e em todas as outras cidades e estados onde a congregação se fazia presente, formando um corpo único. Todavia, a regra por ela mesma não garante seu cumprimento, pois a multiplicidade de indivíduos, suas constituições culturais anteriores ao ingresso na congregação incidem diretamente na compreensão das regras. Ainda que haja um diretório que

define o que fazer em cada momento do dia, como vestir-se ao levantar, como comportar-se à mesa. Cada um o faz da sua maneira, do seu modo de compreender as orientações do diretório.<sup>5</sup>

Em primeiro lugar, ao acordar, os [...] devem dirigir completamente suas mentes em direção a Deus através de um pensamento santo, como o seguinte: o sono é a imagem da morte, a ressurreição é o despertar. Quando eles começam a se vestir, devem fazer o sinal da cruz e dizer: Cubra-me Senhor, com o manto da inocência e do amor. Meu Deus não me deixe aparecer diante de vós despido de boas obras. (BRISSON, 1902, p. 27)

O diretório espiritual é a herança deixada pelo fundador e o eixo central na constituição da memória da congregação e, conseqüentemente, da identidade coletiva da fraternidade. É a marca que faz com que um membro de uma determinada região tenha as mesmas características de qualquer outro membro, de qualquer região ou país, uma vez que a memória é em parte herdada, não estando restrita apenas à vida física da pessoa.

Para Pollak:

Além dos acontecimentos, a memória é constituída por pessoas, personagens (...), de personagens realmente encontradas no decorrer da vida, de personagens freqüentadas por tabela, indiretamente, mas que, por assim dizer, se transformaram quase que em conhecidas, e ainda de personagens que não pertenceram necessariamente ao espaço-tempo da pessoa (1992, p. 2).

É o que acontece com os membros das congregações religiosas fundadas há mais de um século e que, certamente, seus atuais integrantes jamais tiveram contato com os fundadores e/ou inspiradores, mas que os têm como conhecidos, seguindo seus exemplos, seus ensinamentos, suas orientações: “locais muito longínquos, fora do espaço-tempo da vida de uma pessoa, podem constituir lugar importante para a memória do grupo, e, por conseguinte, da própria pessoa, por pertencimento a esse grupo” (POLLAK, 1992, p. 3).

Chegamos. A nova casa é muito espaçosa, às vezes achamos que estamos sós... Ainda não chegaram todos, há sempre uma expectativa muito grande por quem serão seus novos co-irmãos, de onde vêm, o que trarão de contribuição cultural para o grupo (02 de março de 1998).

O grupo que convive na mesma casa é formado por diversas pessoas, de diferentes lugares e culturas, com diferentes costumes, com diferentes “gramáticas” que deverão aprender a conviver em nome de um bem maior que é a “casa”, traduzido no contexto da vida religiosa por comunidade.

---

<sup>5</sup> O Diretório Espiritual é o livro escrito pelo fundador da ordem religiosa em questão, onde estão orientações para uma vida espiritual virtuosa.

---

A memória desses indivíduos é um fenômeno construído tanto individual como socialmente. Pollak percebe uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade, no que tange à memória herdada.

Aqui o sentimento de identidade está sendo tomado no seu sentido mais superficial, é o sentido da imagem de si, para si e para os outros. É a imagem que a pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida como quer ser percebida pelos outros (1992, p. 5).

O processo de construção da identidade das ordens religiosas, embora possa parecer unilateral, na realidade, é um processo dialógico onde a identidade da ordem é repensada, ainda que involuntariamente, no momento de construção da identidade do novo membro.

A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com os outros (POLLAK, 1992, p. 6).

As memórias do postulante, tidas comumente como um fenômeno individual, íntimo da pessoa, revelam na verdade um fenômeno coletivo e social construído a partir da experiência coletiva, já que é constituída por diferentes pessoas, personagens e lugares.

Aqueles que me conheceram no passado talvez jamais consigam visualizar esta cena, mas acreditem estive na Marcha pelo Brasil, aprendi até o hino: “Este é o nosso país, esta é a nossa bandeira é por amor esta pátria Brasil que gente segue em fileira”. Confesso que fui muito mais por pressão dos colegas do que por opção! Mas a experiência foi extremamente válida. Algumas vezes na vida é necessário ter um choque de realidade (06 de agosto de 1998).

A coletividade, muitas vezes, se sobrepõe à individualidade e muitas ações e decisões são tomadas a partir dos valores do coletivo, ainda que o individual possa não ter os mesmos valores, ele os renega, pois compreende que isso o torna parte integrante do coletivo. E é justamente nesse movimento que sua identidade vai se constituindo.

Os ritos e as celebrações são momentos fortes na caminhada consagrada, cada celebração, cada rito tem seu significado que incide diretamente na identidade e no sentimento de pertença do indivíduo ao grupo. É possível ainda perceber que as relações de poder e saber estão presentes nas celebrações, nos ritos, nas reuniões de preparação desses momentos tão significativos da comunidade entendida aqui não apenas como os membros da congregação, mas como a comunidade cristã local.

Estou em plena reunião da comunidade para preparação da Semana Santa. Estou escrevendo, pois ninguém percebeu minha presença, só percebem, ou

querem perceber, a presença dos noviços. É triste, infelizmente ninguém ou quase ninguém reconhece o trabalho dos postulantes. Somente os noviços é que sabem cantar, encenar, falar, ler ou preparar qualquer outra coisa. Acabaram com a nossa idéia de vigília, tiraram nossas esperanças (25 de março de 1998).

Em outro trecho, é possível perceber explicitamente que a hierarquia é vertical e não há como escapar dela, a única saída é simplesmente aceitar, ainda que contrariado, ou com motivos relevantes, a ordem proferida pelo superior:

Nosso formador logo pela manhã chamou-nos para conversar, pois o provincial ligou para ele questionando-o pelo fato de não termos participado das celebrações do noviciado quando ele (nosso formador) estava de retiro. Evidentemente, que quem falou para o padre que não fomos à missa, só pode ter sido o mestre de noviços. Não o culpo por isso, só que ele não sabe que se não vamos lá é porque não nos sentimos à vontade. Como o nosso formador teve que sair à tarde, ele praticamente nos obrigou a participar da missa com os noviços. Fomos sem discussões, para não criar problemas... Mas não acho correto sermos obrigados a ir num lugar que não nos sentimos bem. O problema não é o lugar, mas sim, como somos tratados quando vamos lá! (09 de novembro de 1998.).

Embora não professores, os postulantes têm plena consciência de que devem cultivar o voto de obediência, evitando o confronto direto com o(s) superior(es), o que não significa dizer que não elaborem suas estratégias de subversão da ordem: "Passei o dia sem ter muita coisa para fazer, fui até a Canônica, mas não agüentei muito por lá. Voltei para casa cedo, estou cansado de fazer limpeza, sinceramente não sei no que isso me faz crescer na vocação!" (15 de setembro de 1998). Utilizando como justificativa a preocupação com o seu crescimento vocacional, o jovem postulante registra no diário seu ato de desobediência, pois ao mostrar-se preocupado com sua vocação, sua infração não será considerada como desobediência, mas como uma busca pela santidade. Tal estratégia é utilizada e registrada em diversos momentos no diário.

"Hoje tive que cortar toda a grama da casa canônica. Sinceramente, essa é uma das partes que eu menos gostei neste estágio, mas sei que o melhor vinho é servido no final da festa. Deus provém e certamente deve haver uma razão para eu estar tendo esta experiência" (27 de setembro de 1998). O que não significa dizer que todos os registros não sejam espontâneos ou não reflitam de fato experiências únicas.

Durante o período de formação, muitos acontecimentos externos aos muros da comunidade religiosa servem para refletir sobre o verdadeiro sentido da vida, a dualidade platônica corpo e alma, a relação entre razão e fé. Essas reflexões estão presentes o tempo todo e podem ser percebidas através de sua crítica, ainda que muito sucinta, com relação ao envolvimento político de um determinado jovem que perdeu a vida em um ato político.

Ficamos sabendo que um jovem morreu nesta madrugada devido a uma descarga elétrica. Ele estava colocando propaganda política nos postes de luz, quando encostou a cabeça em um fio de alta tensão. A cidade toda está chocada. Este sim levou sua opção política até o fim. Prefiro não questionar muito este ato, talvez tenha sido válido ter perdido a vida, ou talvez não. Que Deus acolha sua alma (11 de setembro de 1998).

Cabe aqui ressaltar que em uma cidade pequena do interior todo acontecimento “estranho” ganha uma repercussão ainda maior. Principalmente, quando a questão envolve posicionamento político. “Colar cartazes durante a madrugada” pode indicar que este jovem não comungava do partido político situacional, o que chocará ainda mais a sociedade local, visto que seu ato subversivo custou-lhe a própria vida. Para o postulante, o sentimento é adverso, pois prefere não emitir um juízo de valor com relação ao posicionamento político. Seu comentário tende para uma posição neutra e/ou de cunho salvífico teológico. Benelli (2002), ao pesquisar sobre a produção de subjetividade em seminaristas diocesanos de uma cidade do Estado de São Paulo, constatou que existem grupos com orientações ideológicas distintas e, muitas vezes, opostas dentro de um seminário católico, a saber: os conservadores, os neutros e os liberais. As mesmas facções podem ser encontradas também nas casas de formação de religiosos, ainda que em menor força, tendo em vista que o carisma da congregação geralmente é o que reúne todos, diferentemente dos seminários diocesanos onde não há um único carisma que concatene a todos.

Nas congregações religiosas, é comum um apoio psicológico aos formandos fora dos muros da comunidade. Podemos verificar isso no seguinte trecho do diário:

Depois de um longo tempo sem conversar com a Irmã Leda, hoje regressei a sua casa, tivemos uma conversa longa, mas sem muitas novidades, tudo ou quase tudo, o que ela fala eu já sei ou já passei, não sei no que isso pode me ajudar, mas se é vontade do pai, que assim seja (22 de outubro de 1998).

Esse apoio, ainda que nem sempre seja compreendido pelo formando, tende a auxiliar no discernimento vocacional. A preocupação com a escolha certa está presente em boa parte do dia-a-dia dos jovens postulantes:

Uma manhã de recolhimento, foi como iniciamos o nosso dia hoje, aliás todas as sextas-feiras estamos fazendo recolhimento, pelo menos na parte da manhã. O tema é sempre o mesmo discernimento vocacional. É um momento forte, de muita reflexão, no final no ano temos que dar uma resposta definitiva na nossa vida (29 de maio de 1998).

Essas e outras práticas descritas pelo jovem postulante servem não apenas para o discernimento vocacional, como também para a constituição de um religioso ideal, segundo o modelo determinado pela tradição da congregação.

Ainda em fase de formação, os postulantes estão envolvidos com a “pesca” de novos membros, através de encontros, e com jornadas vocacionais promovidas pela comunidade, onde dão seus testemunhos e apresentam um estilo de vida diferenciado dos demais jovens:

Hoje, teremos mais à tardinha uma convivência vocacional, virão alguns jovens que estão interessados em conhecer um pouco mais sobre a vida religiosa. Parece inacreditável que em pleno século XX ainda haja jovens interessados em consagrar sua vida a Deus (19 de junho de 1998).

Através das jornadas vocacionais, também é possível conhecerem diferentes lugares, o que certamente contribui senão em termos da vocação, pelo menos em termos antropológicos e culturais.

Faremos uma turnê vocacional, passaremos por Palmeira das Missões, Braga, São José, Sagrada Família e talvez outras cidades. Em todas explicaremos o sentido da vocação e convocaremos jovens a parar para pensar em suas vocações (24 de junho de 1998).

A formação parece promover ainda o envolvimento com diferentes pessoas, diferentes grupos e diferentes situações que se constituem em uma experiência riquíssima que não há como mensurar.

“/A nós descei divina luz/. Em nossas almas acendei /o amor de Jesus/”.  
Descobrimos que amanhã, a Maria<sup>6</sup>, a aitética, que mora aqui do lado está de aniversário, não sabemos ainda o que dar a ela, mas sabemos que um sorriso já é um grande presente. Ela sabe que vai morrer e fala disso com uma naturalidade incrível. [...] Que Deus a abençoe (16 de março de 1998).

Em outro trecho relativo às experiências ainda com o grupo de soropositivos, que é assistido por uma ONG da cidade, nosso postulante expressa suas impressões sobre o momento vivenciado:

Fomos para a casa lar para a tal palestra, que na realidade não era palestra. A irmã Josefina<sup>7</sup> foi quem veio para trabalhar com eles. Discutimos vários assuntos, mas o principal foi a família, coisa que eles não possuem, uma família genética. Mas eles acreditam que são uma família e isso é bom, e para nossa surpresa nos consideram da família deles. Fiquei muito feliz, é sinal de que confiam em nós. Fizeram muitos desabafos a respeito das famílias que os renegaram. Mas uma coisa é muito bom, todos acreditam e confiam em Deus. Chegou também um rapaz novo que era viciado e agora está com HIV. Ele também desabafou muito. Peço a Deus que o conserve afastado do vício (31 de março de 1998).

Essas imersões na “realidade da vida”, muito mais do que um caráter salvífico, têm um caráter pedagógico, pois é necessário lembrar que muitos jovens que

---

<sup>6</sup> Nome fictício.

<sup>7</sup> Nome fictício.

---

ingressam na vida religiosa provêm de municípios rurais, onde tudo está teoricamente perfeito, onde todos se conhecem, onde as famílias estão estruturadas de uma forma bem convencional (pai, mãe e filhos).

O contato com o diferente contribui para a quebra de paradigmas, ainda que outros sejam construídos, pois o objetivo da congregação será o de construir o religioso ideal.

Existe ainda um aspecto de ascensão social para muitos jovens, pois, conforme alguns relatos encontrados, a participação em determinadas festas, casamentos, programa de televisão certamente só acontece pelo pertencimento ao grupo de “seminaristas” como os leigos usualmente chamam todos os que vivem em uma casa de formação religiosa.

Tivemos a missa crioula filmada, onde eu fiz o papel de Jesus ressuscitado, senti-me muito bem. O que me decepcionou no final foi que o padre agradeceu a todos do CTG, a TV e nem se lembrou de nós. Todos que estavam lá reclamaram, mas o importante é que saiu tudo bem e a encenação foi perfeita. Passará no Programa de Páscoa do SBT (07 de abril de 1998).

O acesso a diferentes cursos tanto de qualificação profissional como informática, línguas, corte de cabelo, como também de cursos de cunho mais cultural como canto, violão, piano, pintura, dramatização e tantos outros, revela uma preocupação da congregação em garantir uma formação que contemple tanto a questão humana, como também a técnica instrumental. Não há como aferir até que ponto essa oferta é um fator motivacional na escolha pelo ingresso na Ordem, mas se considerarmos o contexto social de muitos dos jovens, é bem possível que um dos motivos possa ser este, associado obviamente a outros tantos. Com relação ao nosso postulante, é difícil afirmar se esse teria sido o motivo, principalmente tendo em vista o contexto social e familiar no qual estava inserido antes de seu ingresso na casa.

A marcha pelo Brasil chegou a nossa Diocese, estamos andando de vila em vila, tentando descobrir quais são os problemas mais graves. Eu e mais alguns fomos para a vila “suvaco da cobra” tentar saber quais são os principais problemas. Presenciei uma realidade horrível, que eu não imaginava que fosse tão grande. [...] às vezes, me pergunto em que mundo eu vivia? Sou feliz por saber que sempre pude estudar sem ter com o que me preocupar (06 de agosto de 1998).

Essas e outras referências quanto à estranheza de trabalhar com a terra e as lidas típicas do interior revelam que nosso jovem certamente fez o caminho inverso ao normalmente feito pelos demais colegas, ou seja, saiu de uma cidade maior, com acesso à educação e sem necessariamente ter de preocupar-se com questões de trabalho, para uma realidade muito diferente da sua.

A desistência de um membro da comunidade é sempre um momento significativo para todos, não pela desistência em si, pois faz parte do discernimento, mas pelo vínculo que se cria.

Agora foi definitivo, o Lázaro<sup>8</sup> nos deixou de uma vez por todas. Foi embora hoje pela manhã, sei que será difícil no início para nos acostumar, pois estamos desde o ano passado, os quatro juntos. A sensação que temos é que ele foi apenas passar um final de semana em casa e retornará em breve. Quando um irmão opta por sair, faz a gente repensar nossa própria escolha e se perguntar se está no caminho certo. Acho que nunca saberemos responder (06 de outubro de 1998).

Que motivos levam à desistência? São muitos, os mais diversos. Não há como saber. O “discernimento” geralmente é apontado para justificar a saída, o que na realidade, muitas vezes, serve para ocultar alguma força externa, algum comportamento inadequado, alguma divergência ideológica, ou simplesmente a constatação de que seu lugar não é aquele.

## **Considerações finais**

Ao término de nossa viagem bidimensional à casa de formação, através do diário do jovem postulante que gentilmente permitiu que vasculhássemos sua intimidade, devemos ressaltar que nossa reflexão sobre a formação de jovens aspirantes à vida religiosa é apenas uma reflexão, dentre tantas possíveis. E que de forma alguma considerou o aspecto fenomenológico da vocação, pois este está ligado ao kairós, que na tradição teológica quer dizer o tempo da graça, o tempo de Deus. Algo que não pertence ao homem ou a sua razão. Nesse sentido, não há como afirmar de forma determinante as melhores ou piores práticas formativas utilizadas para a formação e constituição do novo religioso.

Para tal postulante, o diário constituiu-se em um “amigo”, com quem pôde desabafar suas angústias, seus medos, contar suas alegrias, tecer suas críticas contra o sistema formativo.

Para nós, que observamos de fora, através dos escritos de nosso jovem postulante, percebemos que esses jovens saem de suas casas, vão viver longe de suas famílias, com pessoas de diferentes lugares e diferentes culturas, tendo, muitas vezes, que abdicar de sua individualidade e de sua autonomia para se tornar igual aos demais, moldado como argila nas mãos do oleiro, que embora seja uma imagem um tanto poética, não deixa de ser agressiva, tendo em vista que a forma e o tamanho do vaso são definidos pelo oleiro e não pela argila.

Cabe perguntar, no entanto, qual processo formativo não é assim? Esta é uma pergunta que não será respondida nesta reflexão e, certamente, muitas outras reflexões também não conseguirão respondê-la, mas o exercício para tal pode constituir-se em diversas alternativas para as futuras práticas tanto em espaços formais de educação, quanto em espaços tidos como não formais.

---

<sup>8</sup> Nome fictício.

## Referências

- ANTONINI, Eliana Pibernat. Para dizer da cultura e das práticas significantes. In: ESCOSTEGUY, Ana Carolina. *Cultura Midiática e Tecnologias do Imaginário: Metodologias e Pesquisa*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.
- BENELLI, Silvio José; COSTA-ROSA, Abílio da. A produção da subjetividade no contexto institucional de um seminário católico. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 19, n. 2, p. 37-58, mai./ago. 2002.
- BENELLI, Silvio José. O seminário católico e a formação sacerdotal: um estudo psicossocial. *Psicologia USP*, São Paulo, v.17, n.3, p. 145-182, jul./set. 2006.
- CABRERA, Júlio. *Problemas de Estética e Linguagem: uma abordagem analítica*. Santa Maria: Edições UFSM, 1986.
- COUTO, Márcio. *A riqueza maior de um diário íntimo está no diálogo do autor com o seu tempo*. Beira do Rio, Jornal da Universidade Federal do Pará. Ano XXIV N° 88, 2010. Disponível em: <http://www.ufpa.br/beiradorio/novo/index.php/2010/113-edicao-83--maio/1042-a-riqueza-maior-de-um-diario-intimo-esta-no-dialogo-do-autor-com-seu-tempo>. Acesso em: 09 de set. de 2010.
- FIGUEIREDO, L. C. e SANTI, P. L. R. *Psicologia uma (Nova) Introdução*. São Paulo: Educ, 1997.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 36. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- MATOS, M. C. R. *O acaso do discurso, o discurso do acaso: práticas de escrita de si nos blogs*. Dissertação (Mestrado) em Letras. Universidade Vale do Rio Verde de Três Corações. Minas Gerais, 2007. Orientador: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Beatriz Maria Eckert-Hoff.
- PEREIRA, José Haroldo. *Curso Básico de Teoria da Comunicação*. 5ª Edição. Rio de Janeiro: Quartet, 2009.
- PESSOA, Fernando. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1976.
- POLLAK, Michael. *Memória e Identidade Social*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212. Disponível em: [http://api.ning.com/files/LI8EhWKOjnpBzyw257Y0NHNZ7xcrf09jmLgegffTskrMH\\*4bgGuha7RjunwpB7V0vtLjHGOMt7nk\\*godglpjyrxGZxI1DJ8/MemriaeIdentidadeSocial.pdf](http://api.ning.com/files/LI8EhWKOjnpBzyw257Y0NHNZ7xcrf09jmLgegffTskrMH*4bgGuha7RjunwpB7V0vtLjHGOMt7nk*godglpjyrxGZxI1DJ8/MemriaeIdentidadeSocial.pdf). Acesso em: 13 de out. de 2010.
- SANTAELLA, Lúcia. *A Teoria Geral dos Signos: Como as linguagens significam as coisas*. São Paulo: Pioneira Thomsom Learning, 2004.
- SCHITTINE, D. *Blog: comunicação e escrita íntima na Internet*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.
- VERLINDO, Jorge Augusto Silveira. *O Imaginário Social*. Caxias do Sul: EDUCS, 2004.
- Recebido em: 06/09/2011  
Aprovado em: 27/10/2011